

A FAMÍLIA CRISTÃ

“ Bem-aventurado aquele que teme ao SENHOR e anda nos seus caminhos! Do trabalho de tuas mãos comerás, feliz serás, e tudo te irá bem. Tua esposa no interior de tua casa , será como a videira frutífera; teus filhos, como rebentos da oliveira, à roda da tua mesa. Eis como será abençoado o homem que teme ao SENHOR!” SI 128: 1-4

A revista VEJA trouxe algum tempo atrás uma reportagem sobre as famílias que estão se constituindo a partir de uma série de situações em que, devido aos divórcios e novos casamentos, passam a conviver filhos que são frutos de diversas relações dos pais. Junte-se a isso os dados alarmantes de mães solteiras, na sua grande maioria adolescentes, as situações de concubinato, as relações adúlteras, as relações de pessoas de mesmo sexo, os relacionamentos fortuitos que poderiam ser classificados como “casamentos” por algum tempo. Temos assim um quadro geral do tipo de relacionamentos “familiares” que encontramos hoje em dia.

Além das formas mencionadas acima que em si já constitui um retrato da crise familiar pela qual passamos, temos também a situação dos relacionamentos do tipo padrão (marido, mulher, filhos) que vivem uma crise interna de um relacionamento que não satisfaz, não produz uma convivência saudável, criando uma série de traumas e frustrações entre os que dela participam.

Os autores modernos quando tratam deste assunto falam da crise da família burguesa, ou seja, de um tipo de família que surgiu na idade moderna que se caracterizou por esta nuclearidade, e que representa uma transformação histórica em relação aos modos antigos de organização familiar.

Sem dúvida a família conheceu diversos momentos na sua evolução histórica, Engels no seu livro sobre a origem da família, da propriedade privada e do Estado, lembra que o estudo das origens da família representam um grande avanço na compreensão das sociedades e de como elas se organizam, e identifica três formas de organização familiar na história da humanidade: “...há três formas principais de matrimônio...Ao estado selvagem corresponde o matrimônio por grupos, à barbárie, o matrimônio sindiásmico (o matrimônio entre pares no qual o homem ainda tem direito a poligamia mas que isto já não

é regra comum), e à civilização corresponde a monogamia com seus complementos: o adultério e a prostituição.” (ENGELS, F. A origem da família, da propriedade privada e do Estado, Ed. Vitória, 1960, p.72).

Poderíamos perguntar se há na Bíblia um modelo de família, e se este modelo é possível ser utilizado hoje. Podemos observar que na Bíblia também a família tem diversas características que se transformam com o tempo. Podemos alinhar algumas destas características e suas transformações: 1) há famílias na Bíblia que são endogâmicas, ou seja, o casamento só pode acontecer entre as pessoas do mesmo clã, é o caso de Abraão, que é casado com uma meia irmã, Sara, e que providencia um casamento dentro da família para seu filho Isaque, que por sua vez pretende casar os filhos dentro do clã, tendo ficado muito desgostoso com o casamento de Esaú fora do clã. (Ler o livro de Gênesis a partir do capítulo 12); 2) É normal o casamento poligâmico no Israel Antigo, contudo a lei mosaica vai delimitar com quem se pode casar, como também vai regulamentar diversos comportamentos inclusive em que situação pode extinguir-se o vínculo matrimonial. 3) No Novo Testamento o casamento monogâmico será tido como um ideal a ser alcançado pela comunidade cristã, vedando-se no cristianismo mais tardio o acesso de polígamos ao presbiterato, mas tolerando-se a prática da poligamia para os cristãos.

É na evolução da história da Igreja que cada vez mais o casamento do tipo monogâmico vai deixando de ser um ideal para os cristãos para ser a norma, até chegar o ponto em que ele é o único aceitável dentro da comunidade e se torna obrigatório, como fica bem explícito em nossa Confissão de Fé:

*“O casamento **deve** ser entre um homem e uma mulher; ao homem não é **lícito** ter mais de uma esposa, nem à mulher mais de um marido, **ao mesmo tempo**.”(Confissão de Fé de Westminster, Cap. XXIV, DO MATRIMÔNIO E DO DIVÓRCIO”)*

OBJETIVOS DO CASAMENTO

“Disse mais o SENHOR Deus: não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea.” Gen. 2:18

“Ninguém com um resto de bom senso o faria. Mas que fez um patriarca? buscava descendência prometida por Deus. Portanto cuidai de vós mesmos, e ninguém seja infiel para com a mulher da sua mocidade.” Mt 2:15

A nossa confissão de Fé consagra o casamento monogâmico como sendo o único aceito pela Igreja, normatizando assim a opinião prevalecente dentro do cristianismo de que esta forma de casamento era a expressão da vontade de Deus. Este pensamento foi de tal forma predominante no ocidente que todos os outros tipos de casamento foram banidos pelas legislações das nações. Assim é que no código penal brasileiro o adultério já foi crime, e a bigamia ainda hoje é interdita.

Podemos pensar então nos objetivos a serem alcançados com o casamento. Historicamente o casamento deve ser pensado a partir do papel da mulher dentro da sociedade, poucas foram as sociedades em que as mulheres tiveram algum tipo de proeminência (algumas exceções parecem existir nas sociedades polinésias, em que a família era constituída a partir de uma perspectiva matriarcal), no geral o papel da mulher é pensado como coisa, como algo que pertence ao homem (pai, marido, irmão). O casamento monogâmico foi uma evolução no sentido de se pensar a mulher como companheira, ou na expressão bíblica “auxiliadora idônea” .

Na Bíblia o casamento era pensado como ajuda mútua, uma relação de auxílio mútuo entre o homem e a esposa, não somente o texto de Gênesis colocado em epígrafe nos dá esta idéia, mas também outros textos como o de Provérbios 31 que trata da esposa virtuosa que participa com intensidade da vida do lar e da administração da casa de tal forma que nada falta. Por outro lado, devemos pensar na preocupação divina com a solidão humana, o casamento deve ser um antídoto para este mal, a relação conjugal preenche o vazio da solidão, e neste sentido podemos dizer que a amizade é um elemento importante na vida do homem e da mulher no casamento.

Certamente outro objetivo do casamento é a propagação da raça humana, mas não é só ter filhos, pois para isto não seria necessário a instituição do casamento.

Como bem o sabemos as pessoas não precisam serem casadas para terem filhos, o que se pensa com o casamento é em uma propagação por uma sucessão legítima. Há normas para a constituição do casamento, relembramos que nem todo matrimônio é válido dentro da tradição bíblica, a lei mosaica consagra diversas proibições quanto a com quem se pode casar, pois o que se quer preservar é a sucessão de forma legítima.

A nossa Confissão de Fé inclui também a propagação da Igreja através de uma semente santa como um dos objetivos do casamento. Para nós Presbiterianos isto é bastante claro, pois entendemos que nossos filhos fazem parte da promessa divina, e, portanto, são membros da Igreja, esta compreensão já não é tão clara para outros agrupamentos evangélicos, pois não incluem os filhos como participantes da Igreja, pois isto só seria possível por adesão consciente.

Uma sexualidade sadia também faz parte de um dos objetivos do casamento, é entendido como impureza os relacionamentos sexuais que não se dão dentro do matrimônio. Desde a Antigüidade há uma percepção de que os relacionamentos promíscuos podem ser um agente de contaminação, principalmente por causa das doenças sexualmente transmissíveis, esta questão se reveste de atualidade com o advento da AIDS, onde alguns cuidados voltam a ser recomendados nas relações sexuais. Juntamente com o conceito de impureza física, trabalha-se o conceito de impureza espiritual, em vários textos bíblicos adorar outros deuses é comparado ao adultério, o inverso também é possível as relações sexuais imorais ou promíscuas pode ser comparado à idolatria.

O livro de Cânticos dos Cânticos traz mais um objetivo do casamento que é a alegria da relação matrimonial.

A nossa confissão de fé define assim os objetivos do casamento:

“O matrimônio foi ordenado para o auxílio mútuo de marido e esposa, para a propagação da raça humana por uma sucessão legítima, e da Igreja por uma semente santa, e para evitar-se a impureza.” .”(Confissão de Fé de Westminster, Cap. XXIV, DO MATRIMÔNIO E DO DIVÓRCIO”).

CASAMENTO E VONTADE DE DEUS

“Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula; porque Deus julgará os impuros e adúlteros.” Hb. 13:4

Apontados os objetivos do casamento, temos perguntas de caráter bastante subjetivo, do tipo : com quem devo me casar? Ou perguntas de ordem jurídica, como: a quem é lícito casar?

A subjetividade da primeira pergunta esconde algumas armadilhas: as pessoas podem casar-se com quem elas quiserem. Mas as coisas não são bem assim, dentro de cada família e agrupamento humano há uma série de interditos que vão restringindo as possibilidades do casamento. Nem todas as pessoas são apropriadas para o casamento, há restrições de caráter étnico, social, religioso, etc.

Nos períodos em que o povo de Israel vivia momentos de afirmação da sua fé em relação aos povos vizinhos, era proibido o casamento com outros povos, foi o caso do período de conquista da terra e da volta do exílio, enquanto nos períodos de normalidade não somente era comum o casamento “misto” como era aceito como um fato normal (ver a história de Rute).

A nossa confissão de fé restringe o casamento entre os que professam a fé reformada e infiéis, incluindo entre os infiéis os “papistas e outros idólatras”. O contexto da formulação da confissão de fé é o das guerras religiosas do séc. XVII, casar com um católico era a mesma coisa que se casar com o inimigo, e entende-se assim o radicalismo da proibição.

O apóstolo Paulo falando do casamento com incrédulos diz que a fé de um dos cônjuges santifica a família (*Porque o marido incrédulo é santificado no convívio da esposa, e a esposa incrédula é santificada no convívio do marido crente. Doutra sorte, os vossos filhos seriam impuros; porém, agora, são santos. I Cor. 7:14*). A consequência lógica deste versículo é que, havendo uma pessoa crente na família o casamento é santificado, tornando-se as restrições de fé ao casamento apenas um conselho de bom senso, pois há possibilidade concreta de que pessoas com o mesmo interesse sejam bem sucedidas nos seus casamentos, contudo, como temos visto na prática, isto não é regra.

Em suma, o cristão pode casar com qualquer pessoa que desejar? A resposta é sim, mas na escolha da sua companheira(o) é prudente analisar se não há fatores que poderão se tornar em ponto de discórdia no futuro, por isso é sempre aconselhável buscar pessoas afins.

Segue as restrições legais ao casamento. A confissão de fé diz que todos os que são capazes a dar um consentimento ajuizado, é lícito casar. Esta norma visa limitar o casamento daqueles que não podiam dar o seu consentimento, como os menores e os alienados, e de certa forma proibir práticas muito antigas em que os pais tratavam o casamento dos filhos. Para haver casamento é preciso um consentimento ajuizado. Também é proibido o incesto, norma esta que é comum em todas as sociedades humanas, onde de uma forma ou outra é proibido o casamento consangüíneo.

Os dois artigos da confissão de fé que tratam desta matéria são os seguintes:

“ III. A todos os que são capazes de dar um consentimento ajuizado, é lícito casar, mas é dever dos cristãos casar somente no Senhor; portanto, os que professam a verdadeira religião reformada não devem casar-se com infiéis, papistas ou outros idólatras; nem devem os piedosos prender-se a jugo desigual por meio do casamento com os que são notoriamente ímpios em suas vidas, ou que mantêm heresias perniciosas.”

“IV. Não devem casar-se as pessoas entre as quais existem os graus de consangüinidade ou afinidades proibidos na Palavra de Deus; tais casamentos incestuosos jamais poderão tornar-se lícitos pelas leis humanas ou consentimento das partes, de modo a poderem viver juntas como marido e esposa.”

Confissão de fé de Westminster - Capítulo XXIV - do matrimônio e do divórcio.

VIDA FAMILIAR BEM SUCEDIDA

“Portanto, vá em frente. coma com prazer a sua comida e beba alegremente o seu vinho, pois Deus já aceitou com prazer o que você faz. Procure sempre parecer feliz e satisfeito. Enquanto você viver neste mundo de ilusões, aproveite a vida com a mulher que você ama. Pois isso é tudo o que você vai receber pelos seus trabalhos nesta vida dura que Deus lhe deu.” Ecl. 9: 7-9

Li alguns livros sobre como ser bem sucedido na vida familiar, surpreendo-me com o fato de que se repete sempre a mesma coisa: 1) dedicar tempo a família; 2) prestar atenção nos detalhes; 3) desenvolver gestos de bondade e carinho; 4) muito diálogo; 5) saber ouvir; 6) saber demonstrar amor, etc.

Os antigos romanos tinham uma máxima com relação a vida: “carpe diem” , viva o dia. Na vida familiar também me parece ser um conselho sábio, aproveitar bem os momentos bons da vida familiar, do aconchego, da presença amiga. Devemos tirar fardos das nossas costas, não devemos trazer os muitos fardos da vida para dentro do lar. Hoje em dia se colocou tantas exigências sobre nós que não sobra espaço para ser feliz. E para lembrar: “o sucesso é ser feliz”.

A vida familiar é algo que deve ser cultivado, deve ser trabalhada, ela não acontece naturalmente é um relacionamento construído. É claro que existem sentimentos naturais de proximidade, afeição, amor, proximidade, mas que podem se perder se não houver esforço humano no sentido de se querer ter uma família e de lutar para que a vida familiar seja boa.

O autor de Eclesiastes tem uma percepção pessimista da vida, ele vê vaidade nas grandes realizações, no saber, no trabalho, nos prazeres, e ele pergunta o que é melhor? E conclui: melhor é poder trabalhar, viver em paz, comer, beber e gozar a vida com a mulher que se ama. Melhor é viver em família com tranquilidade, enfrentar as lutas que aparecem na vida em família.

Uma família bem constituída dá força ao homem para enfrentar “os seus inimigos à porta”, ajuda a combater as forças que querem nos derrotar, é amparo nos momentos difíceis. Mas quando isto não ocorre, que pode fazer o homem? Quando se fracassa em construir uma família o que se deve fazer?

Tenho aprendido que quando a pergunta é formulada, temos sempre a resposta inclusa nela. Os problemas familiares devem ser entendidos nos seus casos concretos, há sempre uma história por detrás dos conflitos, a pessoa deve buscar a gênese do problema, onde tudo começou e perguntar: qual deveria ter sido o caminho tomado? O que é que estava errado? É possível corrigir o erro passado? Pode se começar novamente?

Nem sempre respostas serão encontradas, nem sempre os problemas poderão ser resolvidos, porém recomeçar sempre é possível. Temos que revolucionar o nosso modo de agir, ter coragem para mudar, renovar os nossos sonhos, viver a cada dia um novo começo. Isto é possível.

Já li diversos autores que davam fórmulas a respeito da felicidade familiar, e por ironia não conseguiram colocar em prática o que escreveram (talvez tenham vivido uma realidade feliz durante algum tempo, e posteriormente a realidade tenha mudado de forma abrupta), creio que isto não se represente em um grande demérito, devemos ter sempre a consciência da provisoriedade das construções humanas, por isso que o salmista fala que devemos buscar acima de tudo que o Senhor edifique a nossa casa.

Apesar de todas as contradições e de todas as dificuldades sou um otimista com relação às possibilidades da vida familiar, creio que é possível ser feliz, creio que a felicidade se dá no dia a dia, não está no futuro, procure fazer o seu dia feliz e também dos que estão perto de você e você vai descobrir um grande prazer na sua vida familiar.

Agemir de Carvalho Dias

Postado em 11/12/2008